Universidade Federal de São João del-Rei

É hora de abrir? Uma breve análise sobre as tendências de contaminação por COVID-19 nos 11 países com maior número de infecções.

Thiago Periard do Amaral
Norberto Martins Vieira[1]

No dia 28/04/2020, o atual ministro da Saúde brasileiro, Nelson Teich, ao comentar sobre a evolução da curva de casos e mortes em decorrência do novo coronavírus disse que "o que tem que ficar claro é que é um número que vem crescendo. Há uns dias atrás eu falei que poderia ser um acúmulo de casos de dias anteriores, que foi simplesmente resgatado. Mas como a gente tem a manutenção desses números elevados e crescentes, temos que abordar isso como um problema, como uma curva que vem crescendo, como um agravamento da situação"[2]. Este breve artigo busca justamente verificar a correção desta afirmação do ministro face as dinâmicas de contaminação observada nos países com maior numero de infecções pelo novo coronavírus ao redor do mundo.

Para verificar a dinâmica de contaminação se buscou as informações sobre os onze países com maior número de infecções no dia 29/04/2020. O Brasil, nesse dia, se encontrava justamente na décima primeira posição. Todos os dados foram obtidos na página Our World in Data[3], mantida pela Universidade de Oxford, na Inglaterra.

De maneira a facilitar a compreensão das tendências, se optou por apresentar os dados por meio de uma média móvel, de 10 dias, dos novos casos de COVID-19. Este recurso é muito utilizado, inclusive pelas equipes de saúde, para suavizar as curvas de forma a evitar os "saltos" diários e, assim, tornar a visualização mais intuitiva.

Pelos dados vistos abaixo se pode perceber, nitidamente, que as curvas de contágio apresentam 4 padrões diferentes. No primeiro grupo, e sozinha, se encontra a China. A curva mostra que o país passou por um pico de contágio a partir de meados de

---

[1] Professores do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de São João del Rei
[2] Conforme pode ser visto em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/ministro-da-saude-reconhece-agravamento-da-crise-da-covid-19-no-brasil.shtml
[3] Os dados podem ser baixados em: https://ourworldindata.org/coronavirus-source-data

janeiro, atingiu seu pico em meados de fevereiro e desde então controlou a contaminação, praticamente zerando o número de novos casos desde meados de março.

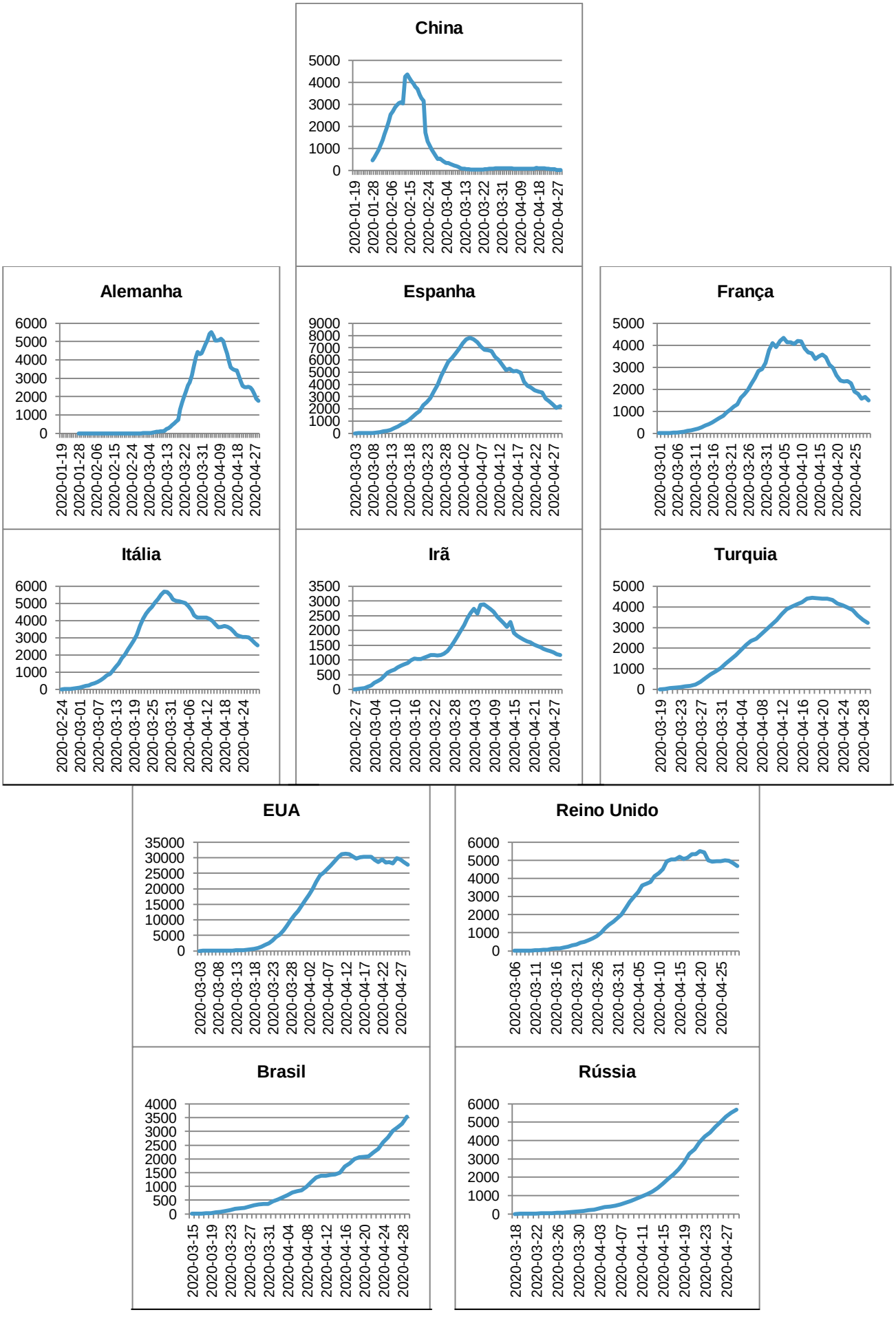
No segundo grupo de países, podemos observar, com suas diferenças de ritmo, a Alemanha, Espanha, França, Itália, Irã e Turquia. Estes países tiveram um ritmo inicial de transmissão muito acentuado, mas com as medidas impostas às suas populações a curva começou a declinar. Embora ainda não tenham chegado ao nível “zero” de novas contaminações, que se verifica na China, os países desse grupo apresentam uma tendência atual bastante satisfatória. Na Espanha, a média de infectados por dia caiu dos cerca de 7 mil, no final de março, para cerca de 2 mil, no final de abril. Na Itália, a queda foi mais lenta, mas ainda assim já se reduziu em mais de 50% o ritmo de novas infecções diárias pelo vírus. O país que avança de forma mais lenta nesse grupo é a Turquia, que só conseguiu uma redução de 25% nas novas infecções.

No terceiro grupo estão EUA e Reino Unido. Em ambos se pode verificar que a taxa de crescimento de novos casos diminuiu substancialmente, mas sem, contudo, apresentarem uma diminuição no total de novas infecções. Os dois países apresentam uma espécie de “plateau”, mantendo o ritmo de 25 mil infecções diárias nos EUA e de 4,5 mil no Reino Unido por um período que se mantém por praticamente todo o mês de abril.

Por fim, no quarto grupo, se encontram Brasil e Rússia. Como se pode observar esses dois países ainda se encontram na fase ascendente de suas trajetórias. Suas curvas ainda não começaram sequer a nivelar, como a dos EUA e Reino Unido, muito menos apresentam uma dinâmica de diminuição como a dos países da Europa Ocidental.

Sendo assim, se pode concluir que, no que diz respeito à essa constatação particular, o ministro da Saúde estava certo ao afirmar que a tendência da curva de contaminação brasileira representa uma fase de agravamento da situação. Acrescentamos que, ao contrário do que muitos afirmam, o pior ainda não passou e a adoção de políticas sanitárias de contenção das contaminações devem ser mantidas, quando não expandidas. A retomada das atividades antes de uma trajetória bem definida de redução dos contágios pode acarretar não numa segunda onda, mas na exacerbação e perda de controle total ainda da primeira leva de infecções.

Médias móveis de 10 dias dos novos casos de COVID-19



Fonte: Our World in Data